**MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO**

**Secretaria de Comércio e Relações Internacionais**

**Departamento de Negociações e Análises Comerciais**

**Coordenação-Geral de Estatística e Análise Comercial**

**BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO – SETEMBRO/2021**



**I – Resultados do mês (comparativo Setembro/2021 – Setembro/2020)**

As exportações do agronegócio atingiram o recorde da série histórica nesse mês de setembro: US$ 10,10 bilhões em vendas externas. O valor foi 21,0% superior aos US$ 8,35 bilhões exportados em setembro de 2020, devido à forte elevação das cotações internacionais dos produtos do agronegócio exportados pelo Brasil (+27,6), já que o índice de *quantum* das exportações reduziu-se em 5,1%, comparado a setembro de 2020.

De acordo com o Banco Mundial, o índice de preços dos alimentos cresceu 26,8% no período[[1]](#footnote-1). Tal porcentagem demonstra que a elevação dos preços dos produtos exportados pelo Brasil está em linha com o registrado pelo banco. Já o índice de preços dos alimentos da FAO registrou um incremento de 32,8% na comparação entre setembro de 2021 e o mesmo mês do ano passado, principalmente em função dos preços registrados em cereais e óleos vegetais[[2]](#footnote-2). Com efeito, os dois índices demonstram o ambiente internacional de inflação de preços motivada por forte demanda internacional e restrições de oferta em diversos países, geralmente relacionadas a questões climáticas e menor mobilidade de mão de obra em virtude dos efeitos da pandemia de COVID-19 no mundo.

Apesar do recorde nas exportações do agronegócio em setembro, a participação do setor declinou de 45,8% em setembro de 2020 para 41,6% em setembro de 2021. Tal fato é explicado pelo forte crescimento das exportações dos demais produtos na balança comercial brasileira (+43,5%), que também observaram elevação dos valores exportados pelo crescimento dos preços internacionais de *commodities*. Os principais destaques foram o minério de ferro e seus concentrados (+30,9% em valor; +45,6% em preços médios) e petróleo (+61,1% em valor; +46,6% em preços médios)[[3]](#footnote-3).

Quanto ao agronegócio, dois setores tiveram fundamental importância em setembro: complexo soja e carnes. Estes setores somados registraram aumento absoluto do valor exportado de US$ 1,91 bilhão, cifra superior ao crescimento de US$ 1,75 bilhão no total das exportações do agronegócio brasileiro, comparado a setembro de 2020.

As importações de produtos do agronegócio alcançaram US$ 1,25 bilhão em setembro de 2021 (+19,2%). Estes valores também foram impactados pela alta dos preços médios de diversos produtos, como nos casos do trigo (+24,7%) e óleo de palma (+77,7%).

**I.a – Setores do Agronegócio**

Cinco setores alcançaram 80,6% do valor total exportado pelo Brasil em produtos do agronegócio: complexo soja (31,6%); carnes (+21,9%); produtos florestais (+11,4%); complexo sucroalcooleiro (+9,6%); cereais, farinhas e preparações (6,2%). Estes setores aumentaram a participação nas exportações brasileiras em relação a setembro de 2020, que foi de 79,0%. Houve, dessa forma, concentração das vendas externas do agronegócio no período. Não obstante tal concentração, as exportações dos vinte demais setores também subiram para US$ 1,96 bilhão em setembro de 2021 (+11,5%), mesmo com queda de participação destes setores, de 21,0% em setembro de 2020 para 19,4% em setembro de 2021.

O principal setor exportador do agronegócio brasileiro foi o complexo soja, responsável por quase uma terça parte do valor exportado no mês, e, também, com grande contribuição para o recorde mensal de vendas externas. As exportações do setor subiram de US$ 2,13 bilhões em setembro de 2020, para US$ 3,19 bilhões em setembro de 2021 (+50% ou +US$ 1,06 bilhão em termos absolutos). O aumento da cotação internacional dos produtos do setor elucida, em grande parte, essa alta. O preço médio de exportação da soja em grão ultrapassou US$ 500/tonelada, alcançando US$ 509/tonelada.

A forte demanda chinesa pela soja brasileira foi responsável pelo recorde de embarque do mês de setembro[[4]](#footnote-4). O Brasil exportou 4,82 milhões de toneladas de soja em grão em setembro (+13,2%), e somente a China foi destino de 3,46 milhões de toneladas da oleaginosa, ou o equivalente a 71,8% da quantidade total exportada. Além da soja, houve incremento das exportações de farelo de soja e óleo de soja. As vendas externas de farelo de soja foram de US$ 565,37 milhões (+4,3%), com queda de 16,7% na quantidade exportada e elevação de 25,3% no preço médio de exportação. Por sua vez, as exportações de óleo de soja subiram 515,1%, chegando a US$ 170,55 milhões em setembro de 2021. O elevado preço médio de exportação do óleo de soja, de US$ 1.241 por tonelada (+65,1%), favoreceu os embarques do produto, que subiram 272,6% em volume, atingindo 137 mil toneladas (+272,6%). As reduções na produção global de semente de girassol e óleo de palma em 2020 contribuíram para preços mais altos em todos os óleos vegetais. Em 2021, o aumento dos preços do petróleo estimulou a utilização de biocombustíveis, que, somados à crescente demanda global por óleos alimentares, contribuiu para maior elevação dos preços internacionais do óleo de soja, influenciando toda a cadeia de produção do grão[[5]](#footnote-5).

As exportações de carnes também bateram o recorde na série histórica. O Brasil nunca havia exportado um montante superior a US$ 2 bilhões em meses de setembro. Em 2021, as vendas externas de carnes no mês foram de US$ 2,21 bilhões, com expansão de 62,3% em relação a setembro de 2020 (+24,0% em volumes e +30,9% nos preços médios). De acordo com a FAO, em setembro, as cotações internacionais de carnes aumentaram, impulsionadas pela firme demanda global enquanto as ofertas de exportação permaneceram reduzidas, sobretudo para carne bovina, influenciadas pela menor disponibilidade de gado para abate na Oceania e na América do Sul[[6]](#footnote-6).

Assim, as exportações de carne bovina tiveram a maior contribuição nas vendas externas do setor, subindo de US$ 668,20 milhões em setembro de 2020 para US$ 1,19 bilhão em setembro de 2021 (+77,7%). Houve recordes no valor e no volume exportados (212 mil toneladas), além de alta expressiva no preço médio de exportação (+39,3%).

A China foi a maior demandante da carne bovina brasileira, responsável por grande parte do aumento das exportações, mesmo com a suspensão das exportações brasileiras devido a casos isolados de Encefalopatia Espongiforme Bovina (“vaca louca”)[[7]](#footnote-7). As vendas externas para o país asiático subiram de US$ 296,95 milhões em setembro de 2020 para US$ 686,98 milhões em setembro de 2021 (+131,3% ou +US$ 390,0 milhões em valores absolutos). O volume exportado aumentou 58,4%, chegando a 112 mil toneladas, o que representou 52,9% da quantidade total exportada pelo Brasil para o mundo em carne bovina. Ao somar os 9,0% de participação da região especial administrativa de Hong Kong nestes valores, a quantidade total de carne bovina exportada para a China alcançaria 61,9% do total exportado.

Estima-se que as importações chinesas de carne bovina e a sua participação no comércio global devam crescer pelo oitavo ano consecutivo em 2022. A carne bovina ganhou terreno no país, enquanto a China tentava restabelecer a oferta interna de carne após o período de controle de casos da peste suína africana. Em evolução, as preferências dos consumidores deram lugar de destaque à carne bovina na dieta chinesa, enquanto o crescimento moderado da produção doméstica de carne apoiava-se nas importações para suprir a oferta interna de proteína animal[[8]](#footnote-8).

As exportações de carne de frango também foram recordes para os meses de setembro. As vendas ao exterior alcançaram 406 mil toneladas (+21,5%) ou o equivalente a US$ 715,95 milhões (+52,6%). Os cinco principais países importadores de carne de frango do Brasil foram: China (US$ 135,58 milhões; 18,9% de participação); Japão (US$ 89,53 milhões; 12,5% de participação); Emirados Árabes Unidos (US$ 80,44 milhões; 11,2% de participação); União Europeia (US$ 42,85 milhões; 6,0% de participação); e Arábia Saudita (US$ 41,25 milhões; 5,8% de participação). O comércio global de carne de frango permanece impulsionado pela ampla recuperação de interrupções relacionadas à pandemia, e pela procura de produtos importados a preços competitivos nos principais mercados.

Ainda nas carnes, as vendas externas de carne suína também registraram recorde para os meses de setembro. Em setembro de 2021, as exportações de carne suína foram de US$ 254,00 milhões (+35,7%), com elevação de 30,1% na quantidade exportada e de 4,3% no preço médio de exportação. Em agosto, havia baixa disponibilidade de contêineres, fator que limitou os embarques. Assim, as exportações que não foram efetivados em agosto se juntaram às de setembro, atingindo o valor mencionado[[9]](#footnote-9).

A China, junto com sua região especial administrativa de Hong Kong, adquiriu 63,0% do valor total exportado pelo Brasil, com expansão de 29,7% em relação às compras de setembro de 2020. Além da China, somente o Chile obteve registro de importações de carne suína brasileira acima de US$ 10 milhões, chegando a US$ 11,62 milhões (+30,9%). De acordo com o USDA[[10]](#footnote-10), a produção de carne suína na China deve se contrair em 2022 em virtude da drástica queda interna de preços em 2021, devido à rápida recuperação da produção após os casos de peste suína africana. O USDA prevê que as importações chinesas de carne suína devam alcançar 4,8 milhões toneladas em 2022 (+6,0%), depois de caírem em 2021 em virtude do aumento da produção e dos preços internos baixos.

Os produtos florestais ficaram na terceira posição entre os principais setores exportadores do agronegócio, supalntando a marca de US$ 1,00 bilhão em vendas externas. As exportações do setor registraram recorde para os meses de setembro com US$ 1,15 bilhão exportados (+23,8%). A celulose foi o principal produto de exportação do setor, com vendas externas de US$ 510,16 milhões (+9,2%). Ainda no setor, as exportações de madeiras e suas obras foram de US$ 457,51 milhões (+36,6%) enquanto as vendas de papel atingiram US$ 186,14 milhões (+43,1%).

O complexo sucroalcooleiro ficou na quarta posição entre os setores exportadores do agronegócio, com US$ 964,99 milhões em vendas externas (-10,1%). Principal produto, o açúcar foi responsável por 87,0% das exportações do setor. Em setembro, o volume exportado de açúcar caiu de 3,39 milhões em 2020 para 2,54 milhões em 2021 (-24,9%). A principal razão foi a queda da produção doméstica de açúcar em função da redução de área plantada (-4,3%) e da produtividade menor relacionada às intempéries climáticas que ocorreram em 2021 (secas e geadas). Tal situação poderá reduzir a produção para 36,9 milhões de toneladas na safra 2021/2022, equivalente a uma diminuição de 4,35 milhões de toneladas em valores absolutos[[11]](#footnote-11). Mesmo com a elevação do preço médio de exportação em 17,4%, o valor exportado diminuiu para US$ 839,18 (-11,8%). A preocupação com a redução da produção no Brasil devido à questão climática, maior exportador mundial de açúcar, continuou a impulsionar o aumento dos preços mundiais da *commodity*. O Brasil exportou açúcar para mais de 100 países em setembro de 2021. O principal destino foi a China que respondeu por 423,59 mil toneladas (16,7% do total), US$ 137,10 milhões (-18,6%).

Por fim, na quinta posição entre os principais setores exportadores ficou o setor de cereais, farinhas e preparações. As vendas externas do setor diminuíram de US$ 1,10 bilhão em 2020 em setembro de 2020 para US$ 624,19 milhões em setembro de 2021 (-43,2%). O produto mais importante do setor é o milho. A safra brasileira de milho 2020/2021 foi estimada pela CONAB em 87,0 milhões de toneladas ou 15,6 milhões de toneladas inferiores à safra 2019/2020, também fruto de questões climáticas. Com efeito, houve redução da disponibilidade interna do produto, o que afetou o volume exportado do cereal e elevou fortemente as importações. Em setembro de 2021, as exportações de milho foram de 2,85 milhões de toneladas, enquanto as exportações de setembro de 2020 atingiram 6,36 milhões de toneladas (-55,2%), o que reduziu o valor exportado para US$ 533,75 milhões em setembro de 2021 (-48,3%).

Assim, faz-se, abaixo, uma análise da concentração das exportações do agronegócio por produtos. A intenção é saber quais são os dez principais exportados e qual a participação do grupo no valor total exportado pelo Brasil em produtos do agronegócio.

Os dez principais produtos exportados pelo agronegócio brasileiro foram: soja em grãos (24,3% de participação), carne bovina *in natura* (10,7% de participação), açúcar de cana em bruto (7,5% de participação), carne de frango *in natura* (6,8% de participação), farelo de soja (5,6% de participação), milho (5,3% de participação), celulose (5,1% de participação), café verde (4,7% de participação), carne suína *in natura* (2,4% de participação) e algodão não cardado nem penteado (2,4% de participação). Estes dez produtos representaram 74,6% das exportações brasileiras do agronegócio em setembro de 2021. Em setembro de 2020, os dez principais produtos representaram 75,5% do valor exportado. Dessa forma, pode-se dizer que houve uma pequena desconcentração da pauta de produtos na comparação entre os períodos.

As importações do agronegócio brasileiro foram de US$ 1,25 bilhão em setembro de 2021 (+19,2%). Os dez principais produtos importados no mês foram: trigo (US$ 123,34 milhões; + 18,6%); milho (US$ 97,06 milhões; +407,2%); papel (US$ 78,18 milhões; + 38,1%); salmões (US$ 56,24 milhões; +100,6%); óleo de palma (US$ 51,42 milhões; +150,0%); vinho (US$ 45,46 milhões; -2,8%); vestuário e outros produtos têxteis de algodão (US$ 41,13 milhões; +26,8%); borracha natural (US$ 40,37 milhões; +169,9%); azeite de oliva (US$ 32,75 milhões; +6,8%); e malte (US$ 29,95 milhões; -22,1%).



**I.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

A Tabela 2, seguinte, possui as estatísticas dos principais blocos e regiões geográficas que o Brasil exporta, com números do valor exportado, crescimento ou redução das exportações, bem como a participação dos blocos ou regiões geográficas no total.

A Ásia é a principal região importadora dos produtos do agronegócio brasileiro, com participação de praticamente 50% do total exportado pelo setor em setembro de 2021. A participação do continente asiático aumentou em 1,5 ponto percentual na comparação com setembro de 2020. Os principais produtos exportados para o continente asiático foram soja em grãos (41,7% do valor exportado), carne bovina *in natura* (15,3%), carne de frango *in natura* (5,9%), celulose (5,2%), açúcar de cana em bruto (4,8%), algodão não cardado nem penteado (4,0%), carne suína *in natura* (3,8%) e farelo de soja (3,4%).

Outro bloco com aumento de participação acima de um ponto percentual foi a ALADI. A Associação Latino-Americana de Integração aumentou a participação de 3,9% em setembro de 2020 para 5,0% em setembro de 2021.



**I.c – Países**

A tabela 3 possui as estatísticas dos vinte principais mercados importadores do agronegócio brasileiro em setembro de 2021 e a participação dos mesmos em setembro de 2020. Esses vinte principais mercados aumentaram a participação de 72,6% em setembro de 2020 para 73,9% em setembro de 2021.

A China é a principal parceira do agronegócio brasileiro. Praticamente um em cada três dólares exportados pelo setor foram adquiridos pelo país asiático em setembro de 2021, alcançando US$ 3,27 bilhões em exportações. Este valor foi 42,8% superior aos US$ 2,29 bilhões exportados em setembro de 2020. Dois produtos explicam o incremento das exportações no período em análise: a soja em grãos e a carne bovina *in natura.*

Conforme observado, no caso da soja em grãos, a quantidade exportada foi de 3,46 milhões de toneladas, volume um pouco superior aos 3,35 milhões de setembro de 2020 (+3,4%). Logo, o que explica a elevação do valor exportado em soja em grão é o crescimento dos preços internacionais no período. Com preços maiores, as aquisições chinesas de soja em grão brasileira subiram de US$ 1,22 bilhão em setembro de 2020 para US$ 1,76 bilhão em setembro de 2021 (+44,0%). Já na carne bovina *in natura,* houve elevação da quantidade exportada em 58,3%, atingindo praticamente 60% da quantidade total exportada pelo Brasil do produto em setembro. Com o aumento de quantidade e preço, as exportações de carne bovina *in* natura subiram de US$ 296,90 milhões em setembro de 2020 para US$ 686,79 milhões em setembro de 2021 (+131,3%).

Outros mercados que se destacaram por aumentarem a participação acima de 0,4 pontos percentuais foram entre setembro de 2020 e setembro de 2021 foram: Chile (passando de 1,1% de participação para 1,6%) e região de Taiwan (passando de 0,8% de participação para 1,3%).

No caso do Chile, o principal produto responsável pelo aumento de participação do país foram as carnes*.* O Chile importou US$ 67,01 milhões em setembro de 2021 em carne bovina *in natura*, o que significou um crescimento de 71,6% em relação aos US$ 39,06 milhões importados em setembro de 2020. O produto respondeu por 42,4% do valor total exportado pelo agronegócio brasileiro para o Chile. Em setembro de 2021, as aquisições chilenas de carne de frango *in natura* brasileira subiram para US$ 13,38 milhões (+126,6% e 8,5% de participação), enquanto as de carne suína *in natura* foram para US$ 11,53 milhões (+30,5% e 7,3% de participação). Somente essas três carnes foram responsáveis por praticamente 60% do valor exportado em produtos do agronegócio para o Chile.

A elevação das exportações para a região de Taiwan ocorreu devido a expansão das exportações de soja em grãos. Em setembro de 2020, a região adquiriu US$ 19,51 milhões de soja em grãos, valor que subiu para US$ 106,27 milhões em setembro de 2021 (+444,6%). A oleaginosa representou 81,5% do valor total exportado (US$ 130,44 milhões).



**II – Resultados do Acumulado do Ano (comparativo Janeiro-Setembro/2021 – Janeiro-Setembro/2020)**

Em 2021 (janeiro a setembro), as exportações brasileiras do agronegócio somaram o valor recorde de US$ 93,62 bilhões, representando um incremento de 20,6% na comparação com o mesmo período em 2020, quando as vendas externas do setor alcançaram a cifra de US$ 77,60 bilhões. A expansão observada nas exportações do agronegócio em 2021 se deu, principalmente, pelo aumento nos preços (+20,4%), uma vez que o índice de *quantum* subiu 0,2%. O agronegócio foi responsável por 43,9% das exportações totais brasileiras no acumulado do ano, que foram de US$ 213,35 bilhões.

As importações de produtos do agronegócio registraram o montante de US$ 11,24 bilhões, ou seja, 22,4% acima do valor alcançado em 2020 (US$ 9,19 bilhões). Como resultado, o saldo da balança comercial do agronegócio foi superavitário em US$ 82,38 bilhões. Os demais setores da balança comercial brasileira registraram déficit de US$ 25,80 bilhões.

**II.a – Setores do Agronegócio**

Os produtos de origem vegetal foram os que mais contribuíram para a expansão das exportações brasileiras do agronegócio em 2021. Entre os setores os que mais contribuíram foram: complexo soja (+US$ 9,11 bilhões); carnes (+US$ 2,74 bilhões); produtos florestais (+US$ 1,68 bilhão); complexo sucroalcooleiro (+US$ 787,82 milhões); fibras e produtos têxteis (+US$ 587,51 milhões); e café (+US$ 549,34 milhões).

Em relação ao valor exportado, os cinco principais setores foram: complexo soja (US$ 41,33 bilhões, ou 44,1% do total); carnes (US$ 15,38 bilhões, ou 16,4%); produtos florestais (US$ 10,10 bilhões, ou 10,8%); complexo sucroalcooleiro (US$ 7,46 bilhões, ou 8,0%) e café (US$ 4,36 bilhões, ou 4,7%). Em conjunto, os cinco setores destacados foram responsáveis por 84,0% das exportações do agronegócio brasileiro em 2021. Na comparação com o mesmo período do ano anterior houve aumento da concentração da pauta exportadora, pois os cinco principais setores do agronegócio haviam somado 82,5% das vendas externas. A seguir serão analisados cada um desses setores.

As exportações do complexo soja, principal setor das exportações do agro, foram de US$ 41,33 bilhões, isto é, 28,3% superiores ao que havia sido registrado em 2020. As vendas de soja em grãos representaram 83,0% do valor exportado, somando US$ 34,32 bilhões, recorde na série histórica. A expansão do valor se deu em função do aumento dos preços (+29,1%), visto que a quantidade embarcada reduziu de 78,84 para 77,51 milhões de toneladas (-1,7%). A China foi destino de 68,9% da oleaginosa brasileira, com US$ 23,66 bilhões (19,8% a mais do que 2020). A União Europeia foi o segundo principal destino, somando US$ 3,56 bilhões. Assim como o grão, o farelo de soja registrou aumento em valor (+25,3%), apesar da queda em quantidade (-2,3%). Foram exportados US$ 5,62 bilhões (recorde histórico) e 12,94 milhões de toneladas. A União Europeia foi destino de quase metade das vendas brasileiras do produto (45,2%), com US$ 2,54 bilhões. Por outro lado, o óleo de soja obteve crescimento tanto em valor (+99,7%), somando US$ 1,39 bilhão, como em quantidade (+15,4%): 1,19 milhão de toneladas.

Em seguida destaca-se o setor de carnes, com US$ 15,38 bilhões em vendas externas (+21,6%). A carne bovina foi responsável por quase metade de tal montante (48,4%), somando US$ 7,44 bilhões. Na comparação com o ano prévio houve aumento de 21,9% em valor, em função do preço, principalmente, que subiu 19,6%, uma vez que o *quantum* aumentou 2,0%. Houve recorde tanto no valor (US$ 6,53 bilhões), como na quantidade exportada de carne bovina *in natura* (1,27 milhão de toneladas). O mercado chinês foi o principal destino da carne bovina *in natura* brasileira, com US$ 3,81 bilhões (58,4% do total). O país também foi o que mais contribuiu para o aumento das vendas externas brasileiras do produto, com expansão de quase US$ 1 bilhão na comparação com 2020. A carne de frango, por sua vez representou 35,8% das exportações do setor de carnes, com US$ 5,50 bilhões (+21,1%). A quantidade embarcada de carne de frango *in natura* foi recorde para o período: 3,29 milhões de toneladas. Apesar da queda de 1,0% em relação a 2020, a China foi o maior comprador da carne de frango *in natura* do Brasil em 2021, somando US$ 973,43 milhões (18,4% do total). Os mercados que mais contribuíram para o incremento das vendas externas da proteína brasileira foram: México (+US$ 137,70 milhões, ou +2.561,4%); Emirados Árabes Unidos (+US$ 135,56 milhões, ou +42,6%) e Filipinas (+US$ 86,81 milhões, ou +244,8%). Por fim, a carne suína registrou US$ 2,04 bilhões em exportações, o que representou 13,3% das exportações do setor de carnes. Assim como a carne bovina *in natura*, as exportações de carne suína *in natura* alcançaram os maiores valores da série histórica: US$ 1,94 bilhão e 776,62 mil toneladas. A China também se destacou enquanto principal destino da carne suína *in natura*, tendo adquirido 57,1% das exportações do Brasil (US$ 1,10 bilhão).

Em seguida cabe destacar os produtos florestais, cujas exportações somaram US$ 10,10 bilhões, ou seja, 20,0% acima do que foi registrado em 2020. Os principais produtos do setor foram: celulose (48,2% do total) e madeiras e suas obras (38,6%). As exportações de celulose somaram US$ 4,86 bilhões (+8,3% sobre 2020). A quantidade embarcada do produto teve redução de 0,7%, porém foi compensada pelo aumento do preço médio: 9,0%. Os principais destinos do produto foram: China (US$ 2,04 bilhões; -2,7%), União Europeia (US$ 1,22 bilhão; +31,3%) e Estados Unidos (US$ 794,81 milhões; +10,3%). Por outro lado, as exportações de madeiras e suas obras registraram recordes históricos tanto em valor (US$ 3,90 bilhões), como em quantidade (8,02 milhões de toneladas). O aumento das vendas para os Estados Unidos (+US$ 640,62 milhões), União Europeia (+US$ 131,50 milhões) e Chile (+US$ 100,18 milhões) foi o principal fator para a obtenção do recorde em valor.

O complexo sucroalcooleiro ocupou a quarta posição no rol dos principais setores exportadores do agronegócio brasileiro em 2021. As vendas externas do setor alcançaram a cifra de US$ 7,46 bilhões, dos quais 89,4% corresponderam às exportações de açúcar (US$ 6,68 bilhões). Em relação ao mesmo período em 2020, houve crescimento de 16,9% no valor exportado de açúcar de cana em bruto brasileiro. Os mercados que mais contribuíram para essa expansão foram: China (+US$ 422,37 milhões); Irã (+US$ 180,90 milhões); Nigéria (+US$ 151,23 milhões) e Canadá (+US$ 103,54 milhões). As exportações de álcool foram de US$ 773,07 milhões (-0,2%) e 1,19 milhão de toneladas (-14,3%).

Por fim, destaca-se o setor de café, com US$ 4,36 bilhões em exportações, o que representou 14,4% de crescimento na comparação com o ano anterior. O café verde foi responsável por 90,8% desse montante, somando US$ 3,96 bilhões. A quantidade embarcada do produto foi recorde histórico: 1,71 milhão de toneladas. União Europeia e Estados Unidos foram os principais destinos do café brasileiro em 2021, sendo responsáveis, em conjunto, por 67,1% das vendas externas do Brasil no período.

Outros produtos que não constam nos setores acima analisados, mas que podem ser ressaltados são: algodão não cardado, nem penteado: recorde em valor (US$ 2,28 bilhões) e quantidade (US$ 1,38 bilhão); rações: recorde em valor (US$ 242,59 milhões) e mangas frescas ou secas: recorde em valor (US$ 146,12 milhões) e quantidade (154,33 mil toneladas).

Em relação às importações, os produtos que mais se destacaram foram: trigo (US$ 1,29 bilhão; +18,4%); papel (US$ 649,77 milhões; +29,1%); malte (US$ 507,41 milhões; +48,5%); óleo de dendê ou de palma (US$ 445,61 milhões; +120,7%); salmões frescos ou refrigerados (US$ 439,02 milhões; +69,2%); vinho (US$ 353,03 milhões; +25,0%); milho (US$ 347,44 milhões; +236,7%); soja em grãos (US$ 326,37 milhões; +103,8%); e azeite de oliva (US$ 324,66 milhões; +10,7%).



**II.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

Entre os blocos econômicos e regiões geográficas, a Ásia foi o principal destino das exportações brasileiras do agronegócio, somando US$ 50,61 bilhões, ou 54,1% do total. Em relação a 2020, houve aumento de 19,6% no valor exportado, principalmente em função da expansão nas vendas de: soja em grãos (+US$ 5,12 bilhões); carne bovina *in natura* (+US$ 1,00 bilhão); farelo de soja (+US$ 685,20 milhões); óleo de soja em bruto (+461,39 milhões) e algodão não cardado nem penteado (+US$ 392,93 milhões).

A União Europeia foi o segundo destino no *ranking*, com US$ 13,83 bilhões (+19,0%). O *share* do bloco passou de 15,0% em 2020 para 14,8% em 2021. Os principais produtos exportados ao bloco europeu foram: soja em grãos (US$ 3,56 bilhões), farelo de soja (US$ 2,54 bilhões), café verde (US$ 1,89 bilhão) e celulose (US$ 1,22 bilhão).



**II.c – Países**

A China continua como principal país de destino dos produtos do agro brasileiro em 2021. Foram exportados US$ 34,96 bilhões, cifra que correspondeu a 37,3% do total exportado pelo agronegócio no período. Na comparação com o ano anterior houve aumento de 22,3% das vendas brasileiras, graças ao incremento das vendas de soja em grãos (US$ 19,74 bilhões em 2020 para US$ 23,66 bilhões; ou +19,8%).

Além da China (+US$ 6,38 bilhões) e União Europeia (+US$ 2,21 bilhões), os mercados que mais contribuíram para o incremento nas exportações do agronegócio brasileiro entre janeiro e setembro de 2021 foram: Estados Unidos (+US$ 1,39 bilhão); Irã (+US$ 743,11 milhões); Tailândia (+US$ 618,01 milhões); México (+US$ 430,47 milhões) e Chile (+US$ 425,14 milhões).



**III – Resultados de Outubro de 2020 a Setembro de 2021 (Acumulado 12 meses)**

Nos últimos doze meses, entre outubro de 2020 a setembro de 2021, as exportações do agronegócio brasileiro alcançaram a cifra de US$ 116,72 bilhões, o que significou elevação de 14,5% em comparação aos US$ 101,97 bilhões exportados nos doze meses imediatamente anteriores. Apesar do crescimento expressivo, a participação do agronegócio no total das exportações brasileiras no período foi inferior à registrada nos 12 meses anteriores, 43,8% ante 48,3%. Pelo lado das importações, entre outubro de 2020 a setembro de 2021, registrou-se um total de US$ 15,11 bilhões, ante US$ 12,68 bilhões adquiridos entre outubro de 2019 e setembro de 2020, o que representou elevação de 19,1% no período. Como resultado, a balança comercial do agronegócio, no acumulado dos últimos doze meses, foi superavitária em US$ 101,61 bilhões (+13,8%).

**III.a – Setores do Agronegócio**

Os cinco principais setores do agronegócio brasileiro em valor exportado entre outubro de 2020 a setembro de 2021 foram: complexo soja, com vendas externas de US$ 44,34 bilhões e participação de 38,0%; as carnes, com US$ 19,89 bilhões e 17,0%; produtos florestais, com US$ 13,10 bilhões e 11,2%; complexo sucroalcooleiro, com exportações totais de US$ 10,74 bilhões e participação de 9,2%; e café, com US$ 6,08 bilhões e 5,2%. Em conjunto, os cinco setores foram responsáveis por 80,7% de todas as exportações do agronegócio brasileiro nos últimos doze meses.

Como já mencionado, o complexo soja foi o principal setor do agronegócio brasileiro, em valor exportado, entre outubro de 2020 e setembro de 2021, com vendas externas de US$ 44,34 bilhões e 99,54 milhões de toneladas comercializadas, o que significou expansão de 14,9% e retração de 10,1%, respectivamente. O principal produto exportado pelo segmento foi a soja em grãos, com a soma recorde de US$ 35,83 bilhões e elevação de 12,4% em comparação aos US$ 31,87 bilhões negociados nos doze meses imediatamente anteriores. Em quantidade, houve queda de 11,4%, com 81,64 milhões de toneladas embarcadas. Já o preço médio do produto brasileiro vendido no mercado internacional subiu 26,9% no período, totalizando US$ 439 por tonelada. Os países que mais aumentaram suas compras de soja em grãos do Brasil no período foram: União Europeia (+US$ 990,88 milhões), China (+US$ 697,28 milhões), Turquia (+US$ 353,41 milhões), Paquistão (+US$ 277,74 milhões) e México (+US$ 258,56 milhões). As vendas externas de farelo de soja alcançaram US$ 7,05 bilhões, com crescimento de 18,5% em função da expansão do preço no período (+24,7%), uma vez que o quantum comercializado caiu 5,0% nos últimos doze meses. Já as exportações de óleo de soja somaram US$ 1,46 bilhão (+84,2%), para um total de 1,27 milhão de toneladas comercializadas (+9,7%).

O setor de carnes foi o segundo colocado entre os maiores exportadores do agronegócio brasileiro nos últimos doze meses, com a cifra de US$ 19,89 bilhões e participação de 17,0% de todas as exportações agropecuárias brasileiras no período. O crescimento observado foi resultado tanto do incremento da quantidade comercializada (+5,9%), quanto da elevação da cotação dos produtos do setor (+7,3%).

O principal destaque foi a carne bovina, cujas vendas externas totalizaram US$ 9,81 bilhões (+13,6%). O volume negociado da mercadoria cresceu 1,6%, atingindo 2,0 milhões de toneladas, e o preço médio aumentou 11,9%, alcançando US$ 4.812 por tonelada. Com exportações recordes tanto em valor quanto em volume, o principal destino da carne bovina in natura brasileira entre outubro de 2020 a setembro de 2021 foi a China, com a soma de US$ 5,04 bilhões e market share de 58,6%, seguida pela região especial administrativa chinesa Hong Kong, com aquisições totais de US$ 668,20 milhões e participação de 7,8%. Nos últimos doze meses, a China aumentou as compras de carne bovina in natura brasileira em US$ 840,51 milhões ou 139 mil toneladas, sendo o maior responsável pelo crescimento verificado no período.

Em seguida destacaram-se as vendas de carne de frango, com o montante de US$ 6,95 bilhões (+11,0%) para um total de 4,39 milhões de toneladas (+5,5%) e alta do preço médio no período de 5,2%. Com vendas recordes em quantidade nos últimos doze meses, o principal comprador da carne de frango in natura do Brasil também foi a China, com US$ 1,26 bilhão e 657,25 mil toneladas, seguida pela Arábia Saudita (430,37 mil toneladas) e pelo Japão (408,72 mil toneladas). Já as exportações de carne suína totalizaram US$ 2,63 bilhões entre outubro de 2020 a setembro de 2021. O crescimento de 22,1% no valor exportado foi resultado da expansão de 15,0% na quantidade negociada e da elevação de 6,2% na cotação média do produto brasileiro vendido no mercado internacional. Com vendas recordes de carne suína in natura em valor e em volume nos últimos doze meses, o principal mercado responsável pelo incremento registrado foi a China, com aquisições de US$ 1,44 bilhão (+US$ 300,41 milhões).

O terceiro principal setor do agronegócio nos últimos doze meses, em valor de exportação, foi o de produtos florestais, com a cifra de US$ 13,10 bilhões e crescimento de 17,4% em relação aos valores registrados entre outubro de 2019 e setembro de 2020 (US$ 11,16 bilhões), resultado da expansão de 11,5% na quantidade negociada no período e da elevação de 5,2% no preço médio dos produtos do setor. O principal produto exportado pelo segmento foi a celulose, com US$ 6,36 bilhões (+7,1%) para um volume comercializado de 16,14 milhões de toneladas (+2,4%) a um preço médio de US$ 394 por toneladas (+4,6%). As vendas externas de madeiras e suas obras somaram US$ 4,99 bilhões no período (+46,1%), enquanto as exportações de papel alcançaram o valor de US$ 1,74 bilhão (-3,5%).

Na quarta posição, o setor sucroalcooleiro auferiu receita de exportação de US$ 10,74 bilhões (+26,7%), resultado da elevação de 14,3% na quantidade negociada e da alta do preço médio dos produtos do setor (+10,9%). O açúcar foi o principal produto comercializado no período, com vendas de US$ 9,53 bilhões e crescimento de 28,7% em relação aos valores de outubro de 2019 e setembro de 2020 (US$ 7,41 bilhões). A quantidade negociada subiu 14,9% no período, atingindo 30,07 milhões de toneladas, enquanto o preço do produto subiu 12,0%. Já as exportações de álcool totalizaram US$ 1,19 bilhão, com incremento de 13,5% em virtude do aumento de 6,4% no volume comercializado (1,94 milhão de toneladas) e de 6,8% no preço médio.

Completando os cinco principais setores do agronegócio entre outubro de 2020 a setembro de 2021, o setor cafeeiro registrou exportações de US$ 6,08 bilhões. Pouco mais de 91% desse valor foi gerado pelas exportações de café verde, que totalizaram US$ 5,54 bilhões nos últimos doze meses. O crescimento de 11,9% no volume negociado (2,47 milhões de toneladas) e a alta de 7,6% no preço médio nos últimos doze meses foram as causas do crescimento de 20,5% nas exportações de café verde, em comparação a outubro de 2019 e setembro de 2020 (US$ 4,60 bilhões). Já as vendas externas de café solúvel totalizaram US$ 470 milhões no mesmo período, com queda de 6,8%.

No que tange às importações do agronegócio entre outubro de 2020 a setembro de 2021, totalizaram US$ 15,11 bilhões e cresceram 19,1% em comparação aos doze meses imediatamente precedentes. Os produtos que se destacaram foram: trigo (US$ 1,54 bilhão e +6,4%); papel (US$ 839,22 milhões e +18,9%); malte (US$ 701,24 milhões e +46,0%); óleo de dendê ou de palma (US$ 576,87 milhões e +124,8%); salmões frescos ou refrigerados (US$ 544,96 milhões e +39,3%); vinho (US$ 493,10 milhões e +27,0%); azeite de oliva (US$ 454,31 milhões e +12,7%); arroz (US$ 440,77 milhões e +77,0%); soja em grãos (US$ 439,81 milhões e +163,6%); e milho (US$ 438,66 milhões e +141,3%).



**III.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

No que se refere às exportações do agronegócio por blocos econômicos e regiões geográficas, a Ásia permanece como principal destino brasileiro, com a soma de US$ 60,94 bilhões e incremento de 10,9% em comparação aos valores registrados entre outubro de 2019 e setembro de 2020 (US$ 54,98 bilhões). Os principais produtos da pauta exportadora agropecuária brasileira para o continente asiático nos últimos doze meses foram: soja em grãos (US$ 28,53 bilhões, +6,8%); carne bovina in natura (US$ 6,11 bilhões, +16,0%); açúcar de cana em bruto (US$ 3,46 bilhões, +42,4%); celulose (US$ 3,27 bilhões, 0,0%); farelo de soja (US$ 3,24 bilhões, +32,5%); e algodão não cardado nem penteado (US$ 3,23 bilhões, +17,6%). Apesar do crescimento verificado, a participação do continente asiático nas exportações do agronegócio brasileiro caiu de 53,9% para 52,2% nos últimos doze meses.

O segundo principal parceiro da agropecuária nacional foi a União Europeia, com vendas externas de US$ 17,22 bilhões e elevação de 13,5% em relação a outubro de 2019 e setembro de 2020. Em que pese o aumento dos valores adquiridos em produtos agropecuários, a participação do bloco europeu nas exportações brasileiras caiu no período, de 14,9% para 14,7%. Os principais produtos agropecuários exportados para a União Europeia no período foram: soja em grãos (US$ 3,63 bilhões, +37,5%), farelo de soja (US$ 3,18 bilhões, +0,1%), café verde (US$ 2,69 bilhões, +17,5%), celulose (US$ 1,53 bilhão, +23,0%) e suco de laranja (US$ 1,07 bilhão, +4,1%).

Os outros destaques no acumulado dos últimos doze meses, conforme observado na Tabela 8, foram os países da ALADI, com aumento de 34,7% nas vendas agropecuárias brasileiras (US$ 5,0 bilhões), o NAFTA, com exportações de US$ 10,74 bilhões e incremento de 26,2%, e os demais da Europa ocidental, com crescimento de 25,7% (US$ 2,20 bilhões).

 

**III.c – Países**

Quanto às exportações do agronegócio brasileiro por países de destino nos últimos doze meses, a China permanece como destaque, adquirindo mais de um terço de tudo que foi exportado pelo setor. Com vendas externas de US$ 40,39 bilhões e incremento de 10,4% sobre os valores dos doze meses imediatamente anteriores, a participação chinesa caiu de 35,9% para 34,6%.

O principal produto agropecuário brasileiro exportado para o mercado chinês entre outubro de 2020 a setembro de 2021 foi a soja em grãos, com o montante de US$ 24,82 bilhões, representando 61,5% das vendas do agronegócio brasileiro para esse mercado. Em volume, foram 56,72 milhões de toneladas exportadas para a China, o que significou decréscimo de 18,4% em relação ao período anterior e participação de 69,5% do total das exportações brasileiras do grão para o mundo.

O segundo principal destino dos produtos do agronegócio brasileiro nos últimos doze meses foram os Estados Unidos, com a soma de US$ 8,36 bilhões e expansão de 25,0%, o que acarretou ganho de participação de 6,6% para 7,2%. Os produtos que apresentaram maior impacto para essa elevação foram: madeira compensada ou contraplacada (+US$ 384,97 milhões); carne bovina in natura (+US$ 193,58 milhões); café verde (+US$ 177,36 milhões); carne bovina industrializada (+US$ 170,94 milhões); e obras de marcenaria ou carpintaria (+US$ 120,40 milhões).

Os Países Baixos, principal entrada para as exportações brasileiras para a União Europeia, ficaram na terceira posição em valor exportado, com US$ 4,54 bilhões e aumento de 8,8%, o que ocasionou perda do market share de 4,1% para 3,9%. Os produtos que mais contribuíram para a elevação das vendas para o parceiro europeu foram: celulose (+US$ 194,08 milhões), açúcar de cana em bruto (+US$ 41,46 milhões) e álcool etílico (+US$ 39,45 milhões).

Outros destaques quanto ao dinamismo das exportações entre outubro de 2020 a setembro de 2021 foram: Irã (US$ 1,90 bilhão e +82,5%); Chile (US$ 1,54 bilhão e +52,5%); Tailândia (US$ 2,44 bilhões e +29,5%); Vietnã (US$ 2,49 bilhões e +29,5%); México (US$ 1,49 bilhão e +26,9%); Espanha (US$ 2,86 bilhões e +26,6%); e Turquia (US$ 2,18 bilhões e +25,3%).



**NOTA METODOLÓGICA**

A classificação de produtos do agronegócio utilizada nesta nota foi atualizada de acordo com a Resolução CAMEX Nº 125, de 15/12/2016, que alterou a Nomenclatura Comum do MERCOSUL – NCM para adaptá-la em relação às modificações do Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias (SH-2017), que estabelece um método internacional para a classificação de mercadorias.

A Balança Comercial do Agronegócio utiliza uma classificação dos produtos do agronegócio que reúne 3.001 NCM’s em 25 setores. Essa é a mesma classificação utilizada no Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro, AGROSTAT BRASIL - base de dados *on line* que oferece uma visão detalhada e atualizada das exportações e importações brasileiras do agronegócio. Mais informações da metodologia e classificação podem ser consultadas no site: <http://agrostat.agricultura.gov.br>

MAPA/SCRI/DNAC/CGEA

15/10/2021

1. Índice de preço das Commodities do Banco Mundial: <https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets> [↑](#footnote-ref-1)
2. Análise do índice de preços da FAO ( <https://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/> ) [↑](#footnote-ref-2)
3. Dados da SECEX - ME, apresentação da balança comercial brasileira. [↑](#footnote-ref-3)
4. Agromensal Setembro/2021 - Soja – do CEPEA

( <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0389930001633529585.pdf> ) [↑](#footnote-ref-4)
5. https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/oilseeds.pdf [↑](#footnote-ref-5)
6. http://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/ [↑](#footnote-ref-6)
7. Mesmo com a suspensão das exportações, a China aceitou receber carregamentos de produtos cárneos bovinos que foram expedidos do Brasil até 03 de setembro de 2021. Por esta razão, as exportações de produtos autorizados puderam ser realizadas ao longo do mês de setembro, após a data de corte observada. [↑](#footnote-ref-7)
8. Livestock adn Poultry – World Markets and Trade / USDA ( <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/livestock_poultry.pdf> ) [↑](#footnote-ref-8)
9. Boletim do Suíno – Nº 133 – de Set/2021 ( <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0229593001633972209.pdf> ) [↑](#footnote-ref-9)
10. https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/livestock\_poultry.pdf [↑](#footnote-ref-10)
11. Boletim de cana-de-açúcar da CONAB, de agosto de 2021. ( <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras> ) [↑](#footnote-ref-11)